

## **Romance Sonámbulo**

**Federico García Lorca**

Enviado por:

Publicado em : 09/10/2012 20:45:42

(A Gloria Giner e a  
Fernando de los Rios)

Verde que te quero verde.  
Verde vento. Verdes ramas.  
O barco vai sobre o mar  
e o cavalo na montanha.  
Com a sombra pela cintura  
ela sonha na varanda,  
verde carne, tranças verdes,  
com olhos de fria prata.  
Verde que te quero verde.  
Por sob a lua gitana,  
as coisas estão mirando-a  
e ela não pode mirá-las.

Verde que te quero verde.  
Grandes estrelas de escarcha  
nascem com o peixe de sombra  
que rasga o caminho da alva.  
A figueira raspa o vento  
a lixá-lo com as ramas,  
e o monte, gato selvagem,  
eriça as piteiras ásperas.

Mas quem virá? E por onde?...

Ela fica na varanda,  
verde carne, tranças verdes,  
ela sonha na água amarga.  
— Compadre, dou meu cavalo  
em troca de sua casa,  
o arreio por seu espelho,  
a faca por sua manta.  
Compadre, venho sangrando  
desde as passagens de Cabra.  
— Se pudesse, meu mocinho,  
esse negócio eu fechava.  
No entanto eu já não sou eu,

nem a casa é minha casa.  
— Compadre, quero morrer  
com decência, em minha cama.  
De ferro, se for possível,  
e com lençóis de cambraia.  
Não vês que enorme ferida  
vai de meu peito à garganta?  
— Trezentas rosas morenas  
traz tua camisa branca.  
Ressuma teu sangue e cheira  
em redor de tua faixa.  
No entanto eu já não sou eu,  
nem a casa é minha casa.  
— Que eu possa subir ao menos  
até às altas varandas.  
Que eu possa subir! que o possa  
até às verdes varandas.  
As balaustradas da lua  
por onde retumba a água.

Já sobem os dois compadres  
até às altas varandas.  
Deixando um rastro de sangue.  
Deixando um rastro de lágrimas.  
Tremiam pelos telhados  
pequenos faróis de lata.  
Mil pandeiros de cristal  
feriam a madrugada.

Verde que te quero verde,  
verde vento, verdes ramas.  
Os dois compadres subiram.  
O vasto vento deixava  
na boca um gosto esquisito  
de menta, fel e alfavaca.  
— Que é dela, compadre, dize-me  
que é de tua filha amarga?  
— Quantas vezes te esperou!  
Quantas vezes te esperara,  
rosto fresco, negras tranças,  
aqui na verde varanda!

Sobre a face da cisterna  
balançava-se a gitana.  
Verde carne, tranças verdes,  
com olhos de fria prata.  
Ponta gelada de lua  
sustenta-a por cima da água.  
A noite se fez tão íntima

como uma pequena praça.  
Lá fora, à porta, golpeando,  
guardas-civis na cachaça.  
Verde que te quero verde.  
Verde vento. Verdes ramas.  
O barco vai sobre o mar.  
E o cavalo na montanha.